

## A sustentável leveza da matéria

*Alfredo Morán* - Universidade Federal Fluminense.

*Maria Amélia Rodrigues* - Universidade Federal Fluminense.

*Paulo Faitanin* - Universidade Federal Fluminense.

*Abstract:* This paper intends to demonstrate the central importance of the matter and the sensitive substances in Aristotelian-Thomist metaphysics, seeking to undo the incorrect image that both, Aristotle and Thomas, have conceived negatively. For this we will redo the progressive path of the Stagirite, with the help of the angelic doctor. We will begin with the difference between metaphysics and other sciences, passing through the senses of being and substance, to finally arrive at the matter.

*Keywords:* metaphysics; being; substance; matter; potency.

*Resumo:* O presente artigo pretende demonstrar a importância central das substâncias sensíveis e da matéria na metafísica aristotélico-tomista, buscando desfazer a imagem incorreta de que, tanto Aristóteles quanto Tomás, conceberam-nas negativamente. Para isso iremos refazer o percurso progressivo do Estagirita com a ajuda do doutor angélico. Começaremos pela diferença entre a Metafísica e as demais ciências, passando pelos sentidos de ente e substância, para finalmente chegarmos à matéria.

*Palavras-chave:* metafísica; ente; substância; matéria; potência.

### 1. Introdução

Muitos autores consideraram a matéria<sup>1</sup> como algo negativo na Antiguidade e na Idade Média. Entre eles, Tomás de Aquino e Aristóteles foram incluídos de maneira equivocada. A metafísica e a filosofia aristotélico-tomista foram interpretadas ao longo dos séculos como ciências que colocam a perfeição do ato e da forma como superiores à potência e à matéria. Esse é o tipo de interpretação recorrente no pensamento dos filósofos contemporâneos.

Semelhante erro de leitura pode se dar pela falta de familiaridade com as obras do Estagirita. É importante ressaltar que o filósofo escreve de maneira progressiva, sendo necessário lembrar-se disso sobretudo no tocante à Metafísica. O autor parte de pressupostos comumente aceitos, conduzindo seus leitores para o ponto alto de seu pensamento, mostrando como algumas doutrinas e ideias levam às conclusões absurdas. Aristóteles é pedagógico. Não há saltos em seu pensamento, tudo parece ser construído com o leitor, e Tomás deixa isso ainda mais claro. O Aquinate contribui

---

<sup>1</sup> Todas as citações referentes à Metafísica de Aristóteles e aos comentários de Tomás de Aquino, obras centrais para este artigo, foram retirados da tradução de Bernardo Veiga e Paulo Faitanin.

não só para explicação de cada ponto dessa progressão, mas também recorda, amplia, completa os silogismos e, quando necessário, os corrige. Além disso, vale dizer, que o doutor angélico demonstra conhecer diversas traduções das obras de Aristóteles<sup>2</sup> utilizando-se de muitos comentadores.

Dada essa progressão, Aristóteles inicia sua obra investigando qual o objeto desta ciência e quais os seus princípios. No começo desse estudo, então, o autor afirma que a Metafísica se debruça sobre o ente enquanto ente<sup>3</sup>. Pouco depois, no entanto, o filósofo diz que se existir algo anterior aos entes, algo imóvel, seria papel da filosofia primeira estudá-lo. Investigando a natureza dos entes, percebe, então, que este algo anterior de fato existe e por isso afirma, nos livros finais, que a Metafísica é o estudo do ser enquanto ser. Visando a precisão dos termos, portanto, faz-se necessário estabelecer, desde já, a diferença sutil entre *ser* e *ente*, que só seria explicitada nos livros finais da respectiva obra.

O termo grego *τό ὄν* é o particípio presente<sup>4</sup> do verbo *εἶμι*. O infinitivo deste mesmo verbo é *εἶναι*. O particípio presente costuma ser traduzido para o português como ente. O infinitivo como ser. Como a própria categoria do vocábulo indica, ente é aquilo que participa do ser, que existe por participação no ser, sendo este anterior. Por outro lado, ser é o infinitivo e contém o particípio, ente, em potência. Segundo Aristóteles, à vista disso, o único que pode se dizer Ser é Deus, que, com sua onipotência dá subsistência às criaturas. Os demais são ditos entes. Por isso esta ciência também se diz teologia<sup>5</sup>, a mais nobre e honrável de todas as ciências, porque fala do ser que é superior a todos os outros.

Porém, como atesta Tomás Aquino, apesar de se converter para o ser imóvel e separado é dever do filósofo, ainda assim, investigar os corpos sensíveis<sup>6</sup>. Pois, a Filosofia Primeira é universal e comum a todas as coisas<sup>7</sup> e, como veremos mais adiante, faz-se necessário passar pela investigação das substâncias sensíveis, o “este algo”<sup>8</sup> do real, para alcançar as substâncias separadas. Como diz o Estagirita e

<sup>2</sup> Há quem diga que Tomás não sabia grego, mas seus comentários à *Metafísica* de Aristóteles mostram o contrário. Em certo ponto o Aquinate diz: “Ou assim como se encontra em outra tradução melhor [...]” (TOMÁS DE AQUINO, S. *In V Metaph.*, lect. 9, §11), deixando claro, desta maneira, que consultou outras traduções latinas, além da de Guilherme de Moerbeke, e comparou com o original grego, para que pudesse afirmar que uma tradução é melhor que outra.

<sup>3</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VI, c.1, 1025b 4.

<sup>4</sup> O particípio presente não existe no português, a tradução se orienta, portanto, no termo latino *ens*.

<sup>5</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VI, c.1, 1026a 20: “ὥστε τρεῖς ἄν εἶεν φιλοσοφίαι θεωρητικαί, μαθηματική, φυσική, θεολογική”.

<sup>6</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Metaph.*, lect. 1, §22.

<sup>7</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Metaph.*, lect. 1, §26.

<sup>8</sup> Do grego ‘τόδε τι’.

confirma o Aquinate, primeiro devemos tratar do que é mais conhecido pelos sentidos e menos conhecido por natureza, para posteriormente tratar do que é menos conhecido pelos sentidos e mais conhecido por natureza.<sup>9</sup>

Então, ao contrário do que comumente se pensa, Aristóteles, como bem retratou Rafael (1483-1520) em sua pintura “*Scuola di Atene*”, aponta que o caminho para alcançar a contemplação do Ser imaterial, imóvel, eterno e imutável passa *necessariamente* pela investigação dos corpos sensíveis e que estes *só são gerados a partir da matéria*. Tomás, sendo cristão, irá atribuir importância ainda maior a esta.

## §. 2. Princípio da investigação: ente

Deste modo, no sexto livro da Metafísica, Aristóteles evidencia a diferença entre esta ciência e as demais afirmando que esta trata do ente enquanto ente<sup>10</sup>. Todas as ciências, de alguma maneira, tratam do ente. A Física, do ente enquanto movimento. A Matemática, do ente enquanto número. A Metafísica, entretanto, é a única que considera o ente de forma universal e absoluta. Ela, ao contrário das demais, não faz um recorte de alguns aspectos do ente, mas o toma em sua totalidade. Por essa razão, é também chamada de Filosofia Primeira, visto que se debruça sobre o ente primeiro, anterior a todas às demarcações impostas pelas demais ciências, que estudam apenas aspectos específicos do ente<sup>11</sup>.

Segundo Aristóteles, o ente é dito em muitos sentidos. Em um a quiddidade e *este algo*, em outro a qualidade ou a quantidade e as demais categorias<sup>12</sup>. Estas são os acidentes, que, ao contrário da quiddidade e *deste algo*, não existem por si. Logo, os acidentes devem ser tratados como um não-ente, pois são entes apenas no nome<sup>13</sup>, visto que não *são* por si, mas existem em algo que é por si: como “branco” ou “músico” necessitam de um sujeito que receba estas qualidades accidentais.

Além disso, a Metafísica, como trata do ente por si, do ente em sua totalidade, não trata de um ente accidental. Um dos motivos é o fato de que não há ciência do

<sup>9</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 2, §29 - 34.

<sup>10</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VI, c.1, 1025b 3.

<sup>11</sup> Deve-se levar em conta o aspecto progressivo do pensamento aristotélico, como já ficou explícito na introdução.

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.4, 1028a 10-15.

<sup>13</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VI, c.2, 1026b 14-15.

acidente<sup>14</sup>, visto que a ciência, como atesta o Aquinate, diz respeito a algo que ocorre sempre ou na maioria das vezes, de forma que se possa constituir um conhecimento a ser ensinado<sup>15</sup>. Vê-se, conseqüentemente, que a causa e princípio do acidente é aquilo que ocorre na maioria das vezes (já que o que é sempre, imutável, Deus, não possui acidentes)<sup>16</sup>.

Destarte, a Metafísica estuda o ente no primeiro sentido, a saber, no sentido de quiddidade<sup>17</sup> ou *este algo*<sup>18</sup>. Acerca disso, Tomás diz que *este algo* é a substância e a *quiddidade* a essência da substância<sup>19</sup>. Pode-se, por conseguinte, separar a substância (*este algo*, quiddidade) do acidente, mas não o contrário, como diz Aristóteles:

ora, das demais categorias nenhuma pode existir separada, mas só a substância. E na definição ela é o primeiro, pois na definição de cada coisa é necessário incluir a definição de substância. E cremos saber melhor o que cada coisa é quando sabemos ‘o que é’<sup>20</sup>.

Entre os sentidos de ente, primeiro se diz a substância, de acordo com o conhecimento, a definição e o tempo.<sup>21</sup> Conforme o conhecimento e a definição, pois cada coisa é conhecida quando se diz o ‘o que é’ da substância, e não do acidente, visto que este só pode ser dito da substância, necessitando dela, assim, para ser definida. Primeira, no tempo, porque não há acidente que não pressuponha a substância<sup>22</sup>.

Dito isto, a intenção desta ciência é investigar o ente, que é o mesmo que investigar a substância. Pode-se dizer, por conseguinte, que a questão central proposta por Aristóteles refere-se a um legado que ele não descarta, mas amplia e corrige:

ora, o que antes, agora e sempre se investigou e sempre gerou dúvida é: *o que é o ente? Que é o mesmo que: o que é a substância?* Alguns dizem que ela é uma, outros, mais de uma e, destes, que é finita, e outros, que é infinita. Por isso, é preciso investigar, maximamente e em primeiro lugar e,

<sup>14</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VI, c.2, 1026b 5.

<sup>15</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VI, c.2, 1027a 20.

<sup>16</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VI Metaph.*, lect. 2, §12 - 20.

<sup>17</sup> Em latim ‘*quod quid est*’.

<sup>18</sup> Em latim ‘*hoc aliquid*’.

<sup>19</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 1, §3. Grifo do autor.

<sup>20</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.1, 1028a 34 - 36.

<sup>21</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 1, §13.

<sup>22</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 1, §13 - 15.

por assim dizer, unicamente, o que é o ente assim entendido.<sup>23</sup>

Como foi dito pelo autor, devemos considerar a atenção que os filósofos anteriores deram a substância, porque esta é a que possibilita conhecer todos os outros modos de ente. “A substância é o *ente primeiro*, e o *ente absolutamente* e não o *ente segundo algo*”<sup>24</sup>. E nisto acrescenta o Aquinate:

e, por isso, se os outros filósofos que trataram dos entes só prestaram atenção nas substâncias, nós também devemos investigar o *ente*, isto é, o que é a própria substância. E isso, *maximamente*, porque principalmente pretendemos tratar disso. Em *primeiro lugar*, porque por meio da substância são conhecidos os outros entes. E, *por assim dizer, unicamente*, porque considerando apenas a substância, adquire-se conhecimento de todos os outros entes. E, assim, de certo modo, considera apenas a substância e, de outro modo, não só.<sup>25</sup>

### §. 3. Dos tipos de substância

No sétimo livro, o Estagirita expõe os quatro principais sentidos em que se diz substância e toma-a no quarto sentido<sup>26</sup>. Este é o sentido de sujeito<sup>27</sup>, “aquilo do qual se dizem as outras coisas, sem que ele, em si, diga-se de outra coisa”<sup>28</sup>, o qual Tomás diz ser a “substância particular”<sup>29</sup>, fazendo referência às *Categorias* de Aristóteles. Nesta obra afirma-se que “substância, em sua acepção mais própria e mais estrita, na acepção fundamental do termo, é aquilo que não é nem dito de um sujeito nem em um sujeito”<sup>30</sup>. Tal como alega o Aquinate, fica explícito<sup>31</sup> que, substância em seu

<sup>23</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.2, 1028b 1 - 7. Grifo nosso.

<sup>24</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 1, §12.

<sup>25</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 1, §18. Grifo do autor.

<sup>26</sup> Ver ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.3, 1028b 33 - 1029a 1.

<sup>27</sup> Do grego 'ὑποκειμένον'.

<sup>28</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.3, 1028b 36-38.

<sup>29</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 2, §4.

<sup>30</sup> “Οὐσία δέ ἐστιν ἡ κυριώτατά τε καὶ πρώτως καὶ μάλιστα λεγομένη, ἣ μήτε καθ' ὑποκειμένου τινός λέγεται μήτε ἐν ὑποκειμένῳ τινί ἐστιν” (ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 2a12-14). Seguimos a tradução para o português de Edson Bini em todas as citações das *Categorias* que aparecem no presente artigo.

<sup>31</sup> ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 2a11-4b19.

sentido integral designa os entes particulares e individuais, “*este* homem em particular ou *este* cavalo em particular”<sup>32</sup>, ao que se diz substância primeira<sup>33</sup>.

Por outro lado, há ainda as substâncias segundas<sup>34</sup>, que, como diz o nome, só são substâncias em sentido secundário. Estas se predicam da substância primeira e são as espécies e os gêneros, como “por exemplo, predica-se homem de um ser humano individual”<sup>35</sup>. Enquanto as substâncias segundas se predicam dos sujeitos particulares, estes não são predicados de nada, mas, antes, são aquilo a partir do qual todas as outras coisas são afirmadas<sup>36</sup>. Desse modo, a substância em sua acepção plena é a primeira.

Em suma, todas as coisas, sejam quais forem, exceto o que chamamos de substâncias primárias, são predicados das substâncias primárias ou estão nestas presentes como seus sujeitos. E, supondo que não houvessem substâncias primárias, seria impossível que existissem quaisquer das outras coisas.<sup>37</sup>

Ainda, cada substância primária manifesta efetivamente uma unidade<sup>38</sup>, uma singularidade. A substância segunda denota uma unidade no mesmo sentido em que é substância, visto que é derivada de uma multiplicidade<sup>39</sup>. Refere-se, pois, aos diversos indivíduos determinados. Desta maneira, a espécie “homem” não diz respeito a *um* sujeito único, mas a uma diversidade. Isto posto, a substância primeira possui verdadeira unidade, sendo cada uma delas um ente *sui generis*, ao passo que a segunda, partindo desta singularidade, designa aquilo que é universal.

Ora, nesse primeiro sentido dizemos as substâncias sensíveis, que são compostas de matéria e forma<sup>40</sup>. Como diz o Aquinate, “a matéria não pode existir por si sem a forma pela qual é ente em ato, sendo em si só potência”<sup>41</sup>. Assim, dado que a forma dá o ato e sem este não pode haver potência, Tomás afirma que todo

<sup>32</sup> ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 2a17-18: “ὁ τις ἄνθρωπος ἢ ὁ τις ἵππος”.

<sup>33</sup> Do grego 'πρώτη οὐσία'. (Rf.)

<sup>34</sup> Do grego 'δεύτερα οὐσία'. (Rf.)

<sup>35</sup> ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 2a20-22.

<sup>36</sup> ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 2a35-36.

<sup>37</sup> ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 2b 4-8: “ὥστε τὰ ἄλλα πάντα ἦτοι καθ'ὑποκειμένων τῶν πρώτων οὐσιῶν λέγεται ἢ ἐν ὑποκειμέναις αὐταῖς ἐστίν. μὴ οὐσῶν οὖν τῶν πρώτων οὐσιῶν ἀδύνατον τῶν ἄλλων τι εἶναι· πάντα γὰρ τὰ ἄλλα ἦτοι καθ'ὑποκειμένων τούτων λέγεται ἢ ἐν ὑποκειμέναις αὐταῖς ἐστίν· ὥστε μὴ οὐσῶν τῶν πρώτων οὐσιῶν ἀδύνατον τῶν ἄλλων τι εἶναι.”

<sup>38</sup> ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 3b10.

<sup>39</sup> ARISTÓTELES. *Categ.*, c. V, 3b16-18.

<sup>40</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.3, 1029a 1-5.

<sup>41</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 2, §23.

ente que possui matéria é um composto, sendo este o mais evidente epistemologicamente, embora não seja ontologicamente anterior, tal como o são seus constituintes. E nisto atesta o Aquinate, “se deve tratar das substâncias sensíveis, porque estas substâncias sensíveis são admitidas por todos”<sup>42</sup> e como um dos sentidos de substância é a quiddidade, diz que sobre elas “se deve investigar primeiro nesse sentido, mostrando as quiddidades”.<sup>43</sup>

#### §. 4. Essência da substância

Para investigar o que são as substâncias sensíveis, caminho pelo qual a Metafísica deve necessariamente passar<sup>44</sup>, Aristóteles esclarece o que seria essência, já que “conhecer cada coisa equivale a conhecer a sua essência”<sup>45</sup>. A essência responde *o que é a substância*<sup>46</sup>. De acordo com o Estagirita, “a essência de cada coisa é aquilo que se diz ser por si”<sup>47</sup> e, dessa maneira, exclui os acidentes de tal noção. Isto posto, só há essência da substância (primeira), posto que apenas esta é por si<sup>48</sup>.

Ademais, “a definição da essência de uma coisa é só a que diz a coisa sem a incluir na própria definição”<sup>49</sup>. Por isso acrescenta que “só há definição se expressa o primeiro de algo”<sup>50</sup>, aquilo que está no cerne da substância. Logo, “não haverá essência de nenhuma das coisas que não são espécies de um gênero, mas só destas”<sup>51</sup>. Nenhuma das demais Categorias poderão fazer parte da essência de homem, já que são acidentes e não expressam o que é primeiro, tampouco se dizem por si, mas são ditas da substância. A essência de homem, por exemplo, não será “branco”, mas “animal racional”, pois esta predica-se por si do sujeito, está contida nele, naquilo que o determina<sup>52</sup>.

Percebe-se, portanto, que há uma identificação entre a substância e sua essência, e que esta não é separada daquela. Se a essência fosse diversa e separada da

<sup>42</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 2, §29.

<sup>43</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 2, §30

<sup>44</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 1, §18-20; lect. 2, §33.

<sup>45</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.6, 1031b 20.

<sup>46</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 3, §18.

<sup>47</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.4, 1029b 14.

<sup>48</sup> A “essência só existe nisto que é algo”. TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 3, §18.

<sup>49</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.4, 1029b 21-22.

<sup>50</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.4, 1030a 10.

<sup>51</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.4, 1030a 12-13.

<sup>52</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 3, §22: “A essência não será de algo que não seja o número das espécies de algum gênero, mas *só destas*, ou seja, das espécies” .

<sup>53</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 3, §17.

substância, não poderia se dizer desta, dado que a essência e aquilo do qual ela se diz essência não seriam o mesmo. Se a essência de “ente”, o “ente por si”, e “este ente”, o ente particular, fossem separados e diversos, “este ente” não poderia ser ente, visto que a essência é o que diz o que é algo, e essência e *este algo* estariam separados, seriam diversos. Além disso, se a essência da substância e a substância fossem diversas ir-se-ia ao infinito<sup>54</sup>: a essência de ente, o “ente por si”, também deveria ter uma essência e assim sucessivamente. Fica, então, suficientemente demonstrado que essência e substância devem estar unidas.<sup>55</sup> Todavia, a essência “é idêntica nas coisas que são por si, mas não é idêntica nas coisas que são por acidente”.<sup>56</sup>

Contribuí largamente para o entendimento dessas distinções o escrito *Contra Eutychen et Nestorium* de Boécio<sup>57</sup>. Nele o tradutor romano faz considerações acerca de termos centrais na Metafísica aristotélica, tais como *ὑπόστασις* e *οὐσίωσις*. Sua tradução para este é “subsistência” ou, para o verbo no infinitivo, *οὐσιοῦσθαι*, “subsistir”<sup>58</sup>. Para aquele a tradução é “substância” ou, para o infinitivo, *ὑφίστασθαι*, “estar sob”<sup>59</sup>.

Os sentidos de “subsistência” e “substância” parecem, à primeira vista, os mesmos. O romano, no entanto, cuidadosamente aponta suas diferenças. À medida que *subsistir* indica algo que existe por si, *estar sob* designa o que dá sustentação ao que não possui existência própria<sup>60</sup>. Assim, a substância deve existir por si, visto que dá existência àquilo que não pode ser sozinho. Caso contrário, o nome “substância” lhe seria atribuído inapropriadamente, já que estaria sendo mantida por uma, ao invés de sê-la. Pode-se dizer, então, que toda substância (*ὑπόστασις*) inevitavelmente possui subsistência (*οὐσίωσις*), para que possa, dessa maneira, exercer aquilo que a define: subministrar um sujeito para os acidentes, que não podem ser por si.

As essências (espécies<sup>61</sup> dos gêneros), por sua vez, para que possam ser universais, são consideradas abstraídas dos acidentes, tratando apenas daquilo que é comum a muitas substâncias<sup>62</sup>, ou seja, não *estão sob* nada, não subministram um sujeito para os acidentes, uma vez que não os consideram (sendo chamados, por essa

<sup>54</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 5, §21.

<sup>55</sup> Cf. ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.6, 1031a15 – 1032a11. e TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 5, §7, §8, §11, §12, §21.

<sup>56</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 5, §22.

<sup>57</sup> Importante tradutor e comentador do *corpus aristotelicus* e um dos filósofos comentados por Tomás: ver *Expositio super librum Boethii De trinitate* e *Expositio super librum Boethii De hebdomadibus*.

<sup>58</sup> “*Subsistentiam uel subsistere*” (BOÉCIO, CEN, III, [207]-[208]), seguimos a tradução de Juvenal Savian Filho para os escritos de Boécio.

<sup>59</sup> “*Substantia uel substare*” (BOÉCIO, CEN, III, [209]).

<sup>60</sup> “*Subsistit enim quod ipsum accidentibus, ut possit esse non indiget. Substat autem id quod aliis accidentibus subiectum quoddam, ut esse ualeant, subministrat; sub illis enim stat, dum subiectum est accidentibus.*” (BOÉCIO, CEN, III, [210]-[214]).

<sup>61</sup> Do grego ‘*εἶδος*’.

<sup>62</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 5, §23.

razão, de substâncias *segundas*). Subsistem, portanto, *na* substância (ao contrário do que defendiam os platônicos), sem indicar, contudo, sua totalidade. Percebe-se, por conseguinte, que essência não é o mesmo que a substância/ente, pois, ao contrário destes, aquela não abarca acidentes. Não obstante, se por um lado toda substância subsiste, o que subsiste, a essência, não é uma substância, isto é, não sujeito de algo. Do seguinte modo exemplifica Tomás:

Portanto, “humanidade” [essência] não é absolutamente idêntica a “homem” [substância, este algo], porque implica apenas os princípios essenciais de “homem” e a exclusão de todos os acidentes.

§24. A “humanidade” é aquilo pelo qual “homem é homem”. Ora, nenhum dos acidentes de “homem”, é aquilo pelo qual “homem é homem”. Portanto, todos os acidentes de “homem” [substância] são excluídos do significado de “humanidade” [essência].

Ora, isto mesmo que é “homem” é o que tem os princípios essenciais, nos quais os acidentes podem existir. Portanto, embora os acidentes de “homem” não estejam incluídos no significado de “homem”, ainda assim “homem” não significa algo separado dos acidentes. E, por isso, “homem” significa o todo, e a “humanidade” significa a parte.

§25. Se, porém, existir alguma realidade na qual *não exista algum acidente*<sup>63</sup>, será necessário que neste caso, nada difira o abstrato do concreto. O que é maximamente evidente em Deus.”<sup>64</sup>

## §. 5. Geração

Depois de demonstrar que o conhecimento e a existência das substâncias sensíveis não dependem de uma essência separada, Aristóteles passa a investigar se alguma essência ou forma pode ser gerada por essências ou formas existentes sem a matéria<sup>65</sup>. Acerca disso afirma: “é impossível a geração se não preexistir algo”<sup>66</sup>. Parece evidente, isto posto, que a geração depende de uma passagem, de um

<sup>63</sup> Grifo nosso: por essa razão também Deus não pode ser substância, pois n’Ele não há acidentes, logo não subministra um sujeito para os acidentes.

<sup>64</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 5, §23-25.

<sup>65</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 6, §1.

<sup>66</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.7, 1032b 33.

movimento de potência para ato <sup>67</sup>(da potência, que estava naquele que é o sujeito da geração preexistente, para o ato, que é o ente gerado). Assim, é a passagem do “não-ser do gerado” para o “ser do gerado”. Logo, o sujeito de geração das substâncias sensíveis deve poder ser e não ser. Como afirma Tomás, tal sujeito é a matéria:

Ora, isto que existe em cada coisa em potência para ser e não ser é a matéria. A matéria está em potência para as formas, pelas quais as coisas têm ser, e em potência para as privações, pelas quais têm o não ser, como ficou evidente pelo que foi dito acima. Portanto, segue-se que deve haver matéria em toda geração. (VII, 6, §8)<sup>68</sup>

Ao contrário da forma, que não pode não-ser algo, visto que é efetivamente forma de algo, seja especificamente, seja universalmente, a matéria pode ser e não ser algo. Na matéria de um bloco de bronze está a potência para ser uma esfera de bronze, ao passo que na forma do bloco de bronze, não há nada além da própria forma de bloco. Quando a esfera de bronze passa do não-ser ao ser, o que permanece é a matéria, ao passo que a forma muda completamente. Essa passagem só é possível porque a potência de ser esfera está no bronze, na matéria, enquanto que a forma é modificada, nada dela permanecendo. Dessa maneira, a forma dá o ato, o ser do gerado, à medida que a matéria dá a potência de ser, dá a possibilidade desta substância sensível ser gerada e produzida. É a partir do bronze (matéria) que se produz a esfera (forma), não o contrário. A matéria, então, é o que possibilita essas mudanças e o que permanece nas gerações, por isso é dita “sujeito da geração”, “princípio da geração”.

A forma e a essência dos sensíveis, por conseguinte, produzem uma espécie em outro, a saber, na matéria.<sup>69</sup> Em outras palavras, os universais tornam-se *este algo*. As substâncias sensíveis, como já foi dito, são multiplicidades individuais, únicas, por seus acidentes, que são geradas a partir da matéria, enquanto a forma é uma só para uma multiplicidade de coisas sensíveis. Logo, vê-se que além de sujeito de geração, a matéria é também princípio de individuação, posto que a forma é universal, não guardando as *propriedades* de cada objeto individual. Como diz Tomás: “De fato, círculo é um só pela espécie e forma, mas é multiplicado e individuado pela matéria”<sup>70</sup>.

<sup>67</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 6, §4.

<sup>68</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.7, 1032b 34-35: “A Matéria pois, é tal parte, uma vez que existe no que é gerado e torna-se algo”. “ὅτι μὲν οὐκ ἔστιν ἐξ ἄνάγκης ὑπάρχει φανερόν: ἢ γὰρ ὅλη μέρος”.

<sup>69</sup> ARISTÓTELES, *Metaph.*, VII, c.8, 1033a27-1033b3.

<sup>70</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 6, §33.

Contudo, não decorre desta afirmação que as formas e as essências dos entes sensíveis existam como modelos separados para essa geração. O que é gerado é algo determinado, particular, como Sócrates, ao contrário desses universais. Tudo que é gerado guarda alguma conformidade com aquilo que o gerou<sup>71</sup>. Destarte, os entes particulares só podem ser de uma matéria determinada, não de uma forma universal. Entretanto, a matéria não pode existir sozinha, em virtude de que não existe matéria sem forma, nem mesmo no âmbito do pensamento. A forma, pois, não pode ser gerada, se fosse assim seria a partir da forma que se encontra em uma determinada matéria, e a forma desta de um outro composto e, assim, *ad infinitum*.

Logo, diz-se que “o composto é gerado a partir da matéria e de tal forma”<sup>72</sup>, preexistindo tanto uma quanto outra<sup>73</sup>. Por isso, diz-se que “a matéria e a forma – esta última é o princípio de ação no agente –, não são substâncias, mas princípios da substância”<sup>74</sup>, já que as duas formam a *substância primeira*.

Por conseguinte, matéria e forma não são geradas, mas geram, sendo apenas a matéria o *sujeito* de geração, uma vez que é nela que se encontra a potência para o ser gerado. Segue-se disso que todas as formas que existem nas substâncias sensíveis tal como as conhecemos (formas substanciais), devem estar também em potência na matéria, não existindo de maneira separada, dado que nada poderia ser tornado ato sem estar em potência naquilo que permanece, no sujeito de geração (matéria). É esta sustentável ‘leveza’ da matéria: sua potencialidade, que torna elástica a perfeição do ato de ser dado pela forma.

## §. 6. Conclusão

Em vista disso, a importância da substância sensível, composta de matéria e forma, é constatada. Apenas a partir de sua investigação é que se pode alcançar o Ser imóvel, imaterial, e eterno, como o fará Aristóteles nos livros finais da *Metafísica*, os quais não tratamos no presente artigo. Todas as substâncias existentes neste mundo, entretanto, existiram em potência em uma primeira matéria, antes mesmo de se tornarem cada uma, um ente em ato. Porquanto, como foi dito, a matéria é o sujeito de geração, ela é o que permanece quando todo o resto se modifica e nada poderia existir sensivelmente caso não estivesse, primeiro, em potência nela. Assim, é nela que todas as coisas sensíveis estão, antes mesmo de serem. Nela estão contidas, de alguma maneira, todas as substâncias sensíveis que virão a ser depois de informadas pelas formas substanciais, formas estas que possibilitam o conhecimento sensível e, desse

---

<sup>71</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 6, §13.

<sup>72</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 7, §7.

<sup>73</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 6, §32.

<sup>74</sup> TOMÁS DE AQUINO, S. *In VII Metaph.*, lect. 6, §6.

modo, possibilitam o alcance da finalidade da Filosofia Primeira, o estudo do Ser por excelência.<sup>75</sup>

Por consequência, visto que tudo que é ente sensível foi constituído de matéria e, em algum momento, existiu em potência na matéria, decorre que também a matéria possui a potência de receber a alma humana, para constituir a natureza humana, composta de corpo e alma unidos substancialmente. E, além disso, no que se refere à Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, a natureza humana, por sua vez, deve estar em potência para *receber* a natureza divina, já que Cristo se fez carne, sendo Ele verdadeiro Deus e verdadeiro homem<sup>76</sup>. Pode-se dizer, isto posto, que a natureza humana é superior à natureza angélica, pois está em potência, por sua natureza material, para receber a natureza divina de Cristo. Deste modo, a matéria deve possuir, também, a potência de receber tal natureza divina, dado que esta não é separada da natureza humana, a qual possui dimensões sensíveis.

Para isso, portanto, parecem apontar os comentários de São Tomás à *Metafísica* de Aristóteles, ambos dando à matéria, que por muito tempo foi vista como negativa, grande prestígio e leveza. O Aquinate, por ser cristão, com ainda mais radicalidade que o Estagirita, dando a ela atributos genuinamente divinos.

## §. 7. Bibliografia

ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 2. ed. Bauru, SP: EDIPRO, 2010.

BOÉCIO. *Contra Êtíques e Nestório*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*: (Opuscula Sacra). Tradução, estudos introdutórios e notas de Juvenal Savian Filho. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 159-186.

PETRÔNIO, Rodolfo. Para uma ontologia da matéria. AQUINATE, n°7, p. 114-144, 2008.

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à Metafísica de Aristóteles V-VIII*. Vol. II. 1. ed. Edição, tradução e notas de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

---

<sup>75</sup> Sobre a formação das formas substanciais ver: TOMÁS DE AQUINO, S. *De Natura Materiae et Dimensionibus Interminatis*.

<sup>76</sup> Cf. TOMÁS DE AQUINO, S. *Sum. Theo.*, III q2 a5 sol.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica*. Tradução Alexandre Corrêa. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul & UFRGS, Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1980, 11v.